

OS NEGÓCIOS DO DOUTOR GUIDO

Poucas organizações privadas acumularam tanto poder político quanto as fundações privadas, ditas de apoio, que atuam no setor da saúde. Duas delas, a Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), tendo se credenciado como “organizações sociais”, respondem atualmente, ao lado da Santa Casa de Misericórdia, pela maior parte dos contratos de gestão que privatizam a saúde pública em São Paulo (Estado e Capital).

Eis que, com diversos contratos em andamento com o governo estadual, a FFM tem a felicidade de ver seu presidente guindado ao posto de... secretário estadual da Saúde! Precisamente o titular da pasta encarregada de gerir tais contratos. O presidente, então, licencia-se do cargo. É o que consta do site da fundação privada: “presidente licenciado”, dando a entender que voltará em algum momento.

Giovanni Guido Cerri tornou-se professor titular da Faculdade de Medicina da USP em 1996, e logo galgou todos os postos disponíveis na hierarquia daquela unidade e do seu Hospital das Clínicas, inteiramente controlado pela fundação privada. Ao longo dos anos, o radiologista Cerri tratou igualmente de seus próprios negócios. Criou empresas de medicina diagnóstica, tornou-se sócio cotista de um grupo poderoso do setor de laboratórios e associou-se a um reputado hospital privado, o Sírio-Libanês.

Ao assumir a pasta estadual da Saúde, Cerri permaneceu como membro do Conselho de Administração do Hospital Sírio-Libanês, embora este também mantenha uma “organização social” que possui contrato milionário com o governo Alckmin. A julgar pelo site da instituição privada, Cerri exerce ainda o cargo de coordenador do centro de radiologia do hospital. Não são evidências suficientes de conflito de interesses?

Não faz tanto tempo assim, o governador demitiu um funcionário de escalão inferior da Secretaria de Segurança Pública, que tinha sua própria empresa (também contratada pelo governo, como forma de “melhorar a remuneração” desse funcionário), a qual por sua vez comercializava dados com terceiros. Situação inaceitável, proclamou Alckmin na época. Pois bem, o caso atual é infinitamente mais grave. Como demonstra a reportagem de Débora Prado e Tatiana Merlino iniciada na p. 19, Cerri é o principal responsável pela gestão de contratos que, somados, ultrapassam a casa do bilhão de reais. E que interessam diretamente a instituições privadas às quais ele continua ligado por muitos laços.

Emílio Ribas em perigo

Outra reportagem das mesmas jornalistas, na p. 27, traz à luz a estarrecedora situação de abandono vivida pelo Hospital Emílio Ribas, gerido desde 2009 pela mesmíssima FFM, que tenta ampliar seu controle sobre a instituição pública. Denúncias de irregularidades resultaram em inquérito policial e representação ao Ministério Público Estadual.

Unifesp

A professora Soraya Smaili nos concedeu longa entrevista, na qual detalha alguns dos desafios que terá de enfrentar como reitora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A consulta oficial à comunidade faz parte do Estatuto da Unifesp, e foi ela que permitiu a eleição de Soraya, num contexto de acirrada disputa entre três chapas. Continua, assim, o notável processo de mudanças na antiga Escola Paulista de Medicina.

Perdemos Zinclar, Edmundo e Leonel

Desde que saiu a edição 53, os movimentos sociais brasileiros perderam três grandes lutadores: em janeiro de 2013, João Zinclar, repórter-fotográfico de raízes populares; e em pleno fechamento da presente edição, os professores Edmundo Fernandes Dias (Unicamp) e Leonel Itaussu (FFLCH-USP), destacados acadêmicos e ativistas do movimento docente. Também nos deixou o grande pesquisador e compositor Paulo Vanzolini.

O Editor